

Os artefatos bélicos do sertão do conselheiro: uma análise lexicultural

The war artifacts of the Sertão do Conselheiro: a lexicultural analysis

Adriana Gonsalves da Silva Fontes * 
Maria da Conceição Reis Teixeira ** 

RESUMO: Sangue de Irmãos: Canudos por dentro é um romance histórico do baiano José Aras (1893-1979), o qual mergulha na cultura do sertão brasileiro durante a Guerra de Canudos. A partir de suas memórias e experiência como recenseador do IBGE, Aras apresenta nuances do conflito comandado pelo Exército Brasileiro contra Antônio Conselheiro e seus seguidores. Sua narrativa detalha o campo de batalha, as táticas de guerra, as armas utilizadas e a coragem dos sertanejos que converteram ferramentas de trabalho em artefatos bélicos. A singularidade de sua narrativa, especialmente nas escolhas lexicais, motivou a análise lexicultural do léxico usado por Aras. Neste artigo, a partir da análise do campo lexical dos artefatos bélicos, opera-se com o conceito de lexicultura, proposto por Robert Galisson (1988), para evidenciar a estreita relação estabelecida entre o léxico e a cultura sertaneja, assim documentada no texto literário. O estudo empreendido encontra-se ancorado na teoria de campos lexicais de Eugênio Coseriu (1980).

PALAVRAS-CHAVE: Artefatos bélicos. Lexicologia. Lexicultura. Léxico sertanejo.

ABSTRACT: Sangue de Irmãos: Canudos por dentro is a historical novel by the bahian writer José Aras (1893-1979), which delves into the culture of the Brazilian hinterland during the War of Canudos. Drawing from his memories and experience as a census taker for the IBGE, Aras presents the nuances of the conflict led by the Brazilian Army against Antônio Conselheiro and his followers. His narrative details the battlefield, war tactics, weapons used, and the courage of the sertanejos who turned tools of labor into weapons. The uniqueness of his narrative, particularly in his lexical choices, prompted a lexicultural analysis of the lexicon used by Aras. In this article, through an analysis of the lexical field of war artifacts, the concept of lexiculture, proposed by Robert Galisson (1988), is employed to highlight the close relationship established between the lexicon and the culture of the sertão, as documented in the literary text. The study undertaken is anchored in Eugênio Coseriu's theory of lexical fields (1980).

KEYWORDS: War artifacts. Lexicology. Lexiculture. Sertanejo lexicon.

* Doutoranda em Estudo de Linguagens pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) / Campus I, Salvador. drykafontes@gmail.com.

** Doutora em Letras e Linguística (UFBA). Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens – Universidade do Estado da Bahia – Campus I, Salvador. conceicao@terra.com.br.

1. Introdução

Sangue de Irmãos: Canudos por dentro é o título do romance histórico produzido pelo baiano José Soares Ferreira Aras (1893-1979). Nesta obra, ele mergulha na cultura do sertão brasileiro durante a Guerra de Canudos. O autor recorre as suas memórias infantis e sua experiência de recenseador do IBGE para apresentar-nos nuances singulares do conflito bélico comandado pelo Exército Brasileiro que visava exterminar com o beato Antônio Conselheiro e seus seguidores. Sua narrativa nos conduz a ver “por dentro” o campo de batalha, as táticas de guerra, as armas utilizadas pelo exército e a coragem indomável dos combatentes sertanejos, que converteram suas ferramentas de trabalho em armas de defesa. Nos transporta ainda para descortinarmos alguns aspectos da cultura, dos rituais de cura espirituais e das práticas medicinais que utilizavam raízes e ervas da flora regional para o tratamento das enfermidades do corpo e da alma daqueles homens e mulheres simples que lutavam pela sobrevivência em meio à aridez do bioma caatinga.

A singularidade de sua narrativa, especialmente no uso da linguagem, e as escolhas lexicais empreendidas nos motivaram a estudar o léxico utilizado por José Aras. A investigação empreendida almejou estabelecer relação entre o estudo do léxico e a cultura da sociedade retratada na referida narrativa. No presente texto, apresentaremos um recorte do estudo do léxico sertanejo documentado em *Sangue de Irmãos: Canudos por dentro*, focando especialmente no campo lexical dos artefatos bélicos, cujas análises foram mediadas por alguns conceitos da teoria de campos lexicais assim postulada por Eugênio Coseriu (1977) e à luz do conceito de lexicultura.

2. Léxico, língua, cultura e sociedade

A língua, objeto de estudo da Linguística, é vista como um sistema complexo e dinâmico, que vai além da mera comunicação social. Ela é a principal ferramenta para a construção do conhecimento, da cultura e da história, moldando a percepção do mundo, as relações com os outros e a própria identidade do falante. Não se limita à

mera troca de informações, pelo contrário, se configura como um instrumento poderoso de construção do conhecimento pessoal e coletivo, permitindo-nos organizar ideias, formular conceitos e dar sentido às coisas e acontecimentos que ocorrem ao nosso entorno, permitindo que a vida em sociedade seja urdida continuamente.

O uso da linguagem está intimamente ligado à cultura de um povo, refletindo valores, crenças, costumes e tradições, transmitindo-os de geração em geração. Portanto, a língua é um elemento fundamental da identidade cultural, capaz de moldar a forma como os sujeitos veem o mundo e como se relacionam com ele, podendo inclusive ser utilizada como ferramenta para o exercício de poder. De um lado, grupos dominantes podem usar a linguagem para marginalizar e oprimir minorias, impor suas ideias e controlar o discurso social. Por outro lado, grupos que se encontram em posição de subalternidade podem utilizá-la para contestar, reivindicar seus direitos, promover a justiça social e conquistar novos espaços.

Destarte, a *palavra* desempenha “[...] nos mitos de cada cultura uma força transcendental” (Biderman, 1998, p. 81) e, segundo Villalva (2014, p. 23), o léxico é uma “entidade abstrata que se obtém por acumulação”. Assim sendo, o uso cotidiano das *palavras* pelos falantes de uma dada comunidade é adido às *palavras* utilizadas por falantes de outras comunidades que compartilham a mesma língua, na mesma sincronia ou em sincronias diferentes, contribuindo para a tessitura do cabedal lexical daquela língua.

Por conseguinte, a relação do indivíduo com o meio em que está inserido implica em desenvolver uma consciência crítica na construção da sua própria história. Por isso, a cultura humana pode ser relacionada às suas tradições. A unidade lexical *cultura* é aplicável a quaisquer comunidades, não está relacionada, em nenhuma hipótese, à presença ou ausência de desenvolvimento, já que quaisquer delas, ainda que inconscientemente, desenvolvem sua cultura simplesmente por preservarem aspectos de sua história que orientarão suas relações sociais. A cultura representa, na

sua totalidade, a maneira de viver de uma pessoa, de um grupo, de uma sociedade, de um país. Portanto:

[...] a cultura é um mapa, um código por meio do qual as pessoas pensam, classificam, estudam e modificam o mundo. [...] Assim sendo, cultura é uma forma de pensar, de sentir, de significar, de conceber, de acreditar, de representar, de experimentar o mundo. É, simultaneamente, uma herança social e um construto individual resultante de um processo de aprendizagem compartilhado pelos membros de um grupo social (Teixeira, 2019, p.121).

Nesta direção, consoante Oliveira e Isquierdo (2001, p. 9), “[...] o léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade, pois nela se deixa transparecer seus valores, suas crenças, seus hábitos e costumes.” Consequentemente, não há como dissociar língua e cultura, haja vista estarem intrinsecamente relacionadas, ou seja, o léxico de uma comunidade de fala, independente da existência ou não de variações, possui a capacidade de reproduzir o patrimônio sociocultural da comunidade a que se destina. Isquierdo (2001) afirma que:

[...] investigar uma língua é investigar também a cultura, considerando-se que o sistema linguístico, nomeadamente o nível lexical, armazena e acumula as aquisições culturais representativas de uma sociedade, o estudo de um léxico regional pode fornecer, ao estudioso, dados que deixam transparecer elementos significativos relacionados à história, ao sistema de vida, à visão de mundo de um determinado grupo. Deste modo, no exame de um léxico regional analisa-se e caracteriza-se não apenas a língua, mas também o fato cultural que nela se deixa transparecer. Essa perspectiva de análise favorece uma melhor compreensão do próprio homem e da sua maneira de ver e de representar o mundo (Isquierdo, 2001, p. 91).

Biderman (1981, p. 132) afirma que “[...] podemos ver no léxico o patrimônio social da comunidade por excelência, juntamente com outros símbolos da herança cultural.” Isquierdo, Oliveira (2001, p. 109) parecem corroborar com tal visão sobre o léxico quando afirmam que o léxico “é a herança sociocultural de uma comunidade”,

tornando-se “testemunha da própria história dessa comunidade, assim como de todas as normas sociais que a regem” (Isquierdo, Oliveira, 2001, p. 109).

Sendo a língua esse importante instrumento de identificação de um grupo social, estudar o seu léxico é também pesquisar a sua cultura, tendo em vista que cada unidade lexical pode ter um significado diferente a depender da época, da região, da classe social, da idade e gênero do falante, por fim, do contexto sociocultural de uso. Destarte, para mergulhar neste universo, uma das melhores formas é enveredando pelo estudo do léxico de uma dada comunidade de língua. Teixeira (2009) afirma que um caminho a ser trilhado nesta direção é tomar o texto de um autor para mapear aspectos da língua do grupo social retratado e, consequentemente, desvendar aspectos da história, da cultura e da teia social deste povo.

3. A lexicologia e a lexicultura do sertão do Conselheiro em “Sangue de Irmãos”

A análise do texto de José Aras sob a ótica da lexicologia possibilita novas descobertas sobre os processos de produção, circulação e recepção de sua obra. Além disso, a investigação do léxico utilizado por Aras pela perspectiva da lexicocultura possibilita a identificação de aspectos e sutilezas que poderiam passar despercebidos em uma análise puramente estrutural das unidades lexicais organizadas hierarquicamente em campos lexicais, assim como postula a teoria dos campos léxicos coseeriana.

Acreditamos que nos estudos lexicológicos partindo de textos literários é possível estabelecer diálogos profícuos entre operadores analíticos de teorias ancoradas em bases distintas. Em função desta crença, recorremos à teoria dos campos lexicais, assim como postula Coseriu (1977), para organizar as lexias inventariadas no texto em macro, micro e subcampos. A organização dos dados coletados obedecendo a critérios hierárquicos permite perceber mais objetivamente como um grupo sociocultural vê, concebe e categoriza aspectos do mundo circundante, revelando a sua organização estrutural.

Recorremos ainda ao conceito de lexicultura, proposto por Robert Galisson (1988), porque, como vimos em parágrafos anteriores, os fenômenos lexicais são também fenômenos culturais e, por conseguinte, devem ser analisados considerando o contexto de seu uso e os processos sociais e culturais de interação comunicativa empregados pelos integrantes de uma comunidade linguística. Antes de adentrarmos nas questões propriamente lexemáticas aqui pretendidas, faz-se necessário tecer algumas considerações sobre a Lexicologia.

A Lexicologia, um dos ramos da Linguística, estuda as propriedades das unidades lexicais da língua, cabendo a ela numerosas tarefas, dentre elas, a questão semântica, as relações internas do léxico com os outros subsistemas da língua, os mecanismos de produção e de atualização dos itens lexicais, considerando-se a dimensão social na análise da significação. Ocupa-se ainda dos processos de formação de palavras, da etimologia, da criação e importação de lexias da estatística lexical.

Coseriu (1980) reconhece a relevância desta área do saber, ao afirmar que “a Lexicologia deveria ser, portanto, a primeira disciplina linguística, enquanto estudo linguístico do modo e da ordem em que é organizado o mundo” (Coseriu, 1980, p. 38). Para ele, as “diferenças entre as línguas são sobretudo as lexicais, porque se supõe que a um léxico diferente corresponde uma maneira diferente de organizar, e, assim, de conceber a experiência do mundo exterior” (Coseriu, 1980, p. 38).

Como podemos ver, trata-se de um ramo de estudo de grande abrangência, podendo englobar a análise do material lexical de uma língua por diferentes perspectivas. O estudo aqui realizado situa-se dentro da Lexemática, área da lexicologia que se dedica ao estudo do vocabulário, buscando compreender como as unidades lexicais se organizam e funcionam em um sistema de significação, como se relacionam entre si, se agrupam em conjuntos e se modificam ao longo do tempo.

Um dos conceitos centrais da Lexemática é o campo lexical, proposto por Eugenio Coseriu (1980). Os campos lexicais são conjuntos estruturados de lexias que se relacionam por um mesmo núcleo semântico, seja ele abstrato ou concreto. As lexias

dentro do campo lexical se organizam hierarquicamente, com base em suas relações de significação e de uso.

Na análise lexical usando os operadores da Lexemática, buscamos conhecer a história do documento, os fatos que lhe motivaram e lhe deram origem, possibilitando “reconstituir a vida espiritual de um povo ou de uma comunidade em determinada época”. Nesse sentido, parafraseando Queiroz (2019, p. 180), o texto é a porta pela qual essas manifestações culturais se apresentam, sendo também a janela por onde se pode ver o mundo, pois o ser humano comprehende a si e aos outros a partir das alusões e referências ao contexto cultural presente nos textos.

Acreditamos que a análise do campo lexical dos artefatos bélicos aqui proposta se insere naquilo que se chama lexicultura, ou seja, uma abordagem do léxico que vai além da simples descrição de palavras. Envolve o estudo do vocabulário em seu contexto cultural, social e histórico. Ao adentrar nas raízes do léxico sertanejo no contexto de Canudos, por exemplo, tenta-se compreender, para além da linguagem, os matizes culturais e sociais e os desdobramentos históricos que permeiam cada lexia no contexto de uso dentro da realidade retratada na obra literária.

O termo lexicultura, oriundo da linguística aplicada com foco nas línguas estrangeiras, surge da combinação das palavras *léxico* e *cultura*. A primeira nos remete ao conjunto de palavras de uma língua, e a segunda ao “conjunto de manifestações por meio das quais se expressa o cotidiano de um povo” (Barbosa, 2009, p. 33). Segundo Barbosa (2009, p. 33), a lexicultura evidência “a singularidade e a diversidade dos lugares onde a cultura pode ser encontrada em uma língua, [...] o léxico é o nível de descrição linguística mais diretamente ligada à realidade extralinguística”.

Segundo Neiva (2023, p. 133), os fenômenos lexiculturais designam os elementos de cultura presentes no léxico na macro e microestruturas do dicionário de especialidade, instrumento indispensável aos especialistas das diferentes áreas do conhecimento inerentes ao estudo da língua. Embora a lexicultura tenha maior visibilidade no âmbito dos estudos de língua estrangeira, considera-se que a

diversidade sociocultural da realidade linguística brasileira e o caráter pragmático no uso das palavras possibilite que a perspectiva lexicultural se aplique não somente ao âmbito dos estudos em língua estrangeira, mas também ao estudo de língua materna.

Dessa forma, o estudo do léxico de *Sangue de Irmãos* transcende o âmbito da literatura, revelando-se uma porta de entrada para desvendar a complexidade e a riqueza de uma sociedade e sua cultura. Por meio dessa abordagem, a análise pode contribuir para uma compreensão mais ampla das conexões entre linguagem, literatura, história, cultura e sociedade, enriquecendo o conhecimento humano de maneira significativa. Visando alcançar tal propósito, as lexias inventariadas e categorizadas como pertencentes ao campo lexical dos artefatos bélicos foram organizadas em dois microcampos: Dos armamentos militares e Das ferramentas de trabalho dos sertanejos que durante a guerra foram convertidas em armas de defesa. O micrcampo dos artefatos militares encontra-se subdivididos em 4 subcampos (arma de fogo, arma branca, arma de pressão e artilharia) e o microcampo das ferramentas encontra-se distribuído em dois subcampos (ferro e madeira), conforme pode-se ler no quadro 1.

Quadro 1 – Organização do léxico sertanejo da Guerra de Canudos em *Sangue de Irmãos* em macro- e microcampos.

Macrocampo	Microcampo	Subcampo	Lexias
Dos Artefatos bélicos	Dos armamentos militares	Das Armas de Fogo	arma de cartucho, bacamarte, bala, calibre, carabina, cartucho, clavinote, comblein, coronha, espingarda, fuzil, kropatschek, mannlichers, metralhadora, pente de bala, patrona, pistola, pólvora, projétil, revolver, rifle, trabuco, garrucha.
		Da Artilharia	besta fera, bomba de dinamite, canhão, granada, matadeira, munição.
		Das Armas de pressão	besta, espoleta, lazaria paraguaia, mina.
		Das Armas Branca	alfange, baioneta, cacete, chuço, espada, faca, facão, ferrão, foice, machado, pá, parnaíba, picareta, sabre, trado.

	Das ferramentas de trabalho dos sertanejos	Das ferramentas de Ferro	alavanca, alfange, chuço, foice, facão, faca, macaco, machado, malho, pá, picareta, trado.
		Das ferramentas de Madeira	cacete, vara de quiri.

Fonte: elaborado pelas autoras.

4. Os artefatos bélicos: uma análise lexicultural

Artefatos bélicos são instrumentos, dispositivos ou objetos especificamente desenvolvidos e utilizados para fins militares ou bélicos. Esses artefatos abrangem uma variedade de armas, equipamentos e munições relacionados à guerra, desde armas brancas e armas de fogo até armas de artilharia. Sua função principal é a de serem empregados em contextos de conflito, guerra ou em defesa de uma comunidade e/ou pessoas em particular. São instrumentos fabricados com o fim previamente definido de promover efeito letal naquelas pessoas alvo do disparo ou arremesso.

Normalmente, as nações, pensando em defender suas fronteiras e sua soberania, investem valores significativos na aquisição de armamentos bélicos. Quanto maior a nação do ponto de vista econômico e de sua vulnerabilidade em ser vítima de algum ataque inimigo, maior será o investimento neste setor. Por vezes, mede-se o poder de uma nação pelo quantitativo e pela letalidade do seu arsenal.

No que diz respeito ao contexto da Guerra de Canudos, assim como documentado em *Sangue de irmãos*, e conforme pode-se ler no quadro 1, a luta ali travada contou com dois grupos antagônicos constituídos de poder bélico desigual. De um lado, perfilavam os militares do Exército Brasileiro detentores de um arsenal com expressivo quantitativo de armas de fogo capaz de realizar vários disparos e de alcance abrangente, podendo massacrar centenas de pessoas em frações de segundo, dada a sua letalidade. Do outro lado, os homens simples do sertão baiano, desconhecedores da arte militar e desprovidos de quaisquer recursos materiais nesta

área, foram obrigados a ressignificar as suas ferramentas de trabalho do ofício de agricultor em armas de defesa ou de ataque.

No quadro 1, temos quatro categorias de armamentos utilizados pelos militares. São elas armas de fogo, armas brancas, armas de pressão e de artilharia, com 23, 15, 4 e 6 itens, respectivamente. Perfazem um total de 48 tipos de armas com calibres e poder de letalidade diferentes. Enquanto isso, temos apenas duas categorias das ferramentas de trabalho convertidas pelos sertanejos em armas de defesa ou ataque, a saber: ferramentas de ferro (com 12 itens) e ferramentas de madeira (com 2 itens), cujo poder de letalidade, comparado ao de uso militar, é baixíssimo. Em ambos os subcampos das ferramentas convertidas em armas encontramos correspondência com alguns itens do subcampo das Armas brancas utilizadas pelos militares (alfange, cacete, chuço, faca, facão, foice, machado, pá, picareta).

Dentre os artefatos bélicos empregados pelo Exército Brasileiro no conflito retratado na obra, selecionamos o subcampo das armas de fogo para discutirmos o conceito de lexicultura aplicada à Guerra de Canudos assim como documentou José Aras em *Sangue de irmão*. Selecioneamos as seguintes lexias: o bacamarte, a carabina, o clavinote, o comblein, a espingarda, o fuzil, o kropatschek, o mannlchers, a metralhadora, patrona, pistola, revólver, rifle, trabuco, garrucha por serem armas de uso restrito das forças armadas brasileiras no contexto retratado e grande poder de abate das forças inimigas.

Na nossa análise, não temos intenção de sermos exaustivos; pelo contrário, procuramos apresentar, de forma sucinta e sistemática, as principais características das armas e ferramentas, apontando, na medida do possível, a capacidade de fogo e o poder de letalidade, para que o leitor possa mensurar o seu impacto no campo de batalha quando operadas pelos soldados brasileiros durante o referido conflito.

As informações técnicas, referentes ao período de uso, calibre e capacidade de fogo, foram obtidas a partir de consultas ao *Glossário de Armas do Brasil*, à obra literária *Sangue de Irmãos: Canudos por dentro* e aos estudos lexicais desenvolvidos em nossa

pesquisa anterior. Essa triangulação de fontes possibilita contextualizar o léxico empregado por Aras e compreender o papel desses artefatos no imaginário bélico sertanejo, oferecendo ao leitor uma visão mais precisa do impacto dessas armas no contexto histórico analisado.

O bacamarte, usado entre os séculos XVIII e XIX, era uma arma especializada de grande calibre capaz de espalhar uma carga de 20 a 40 balas de chumbo grosso de 10 milímetros de diâmetro contra massas de tropas, de uso nos combates. A carabina e o clavinote são armas da mesma espécie do bacamarte que se semelham ao fuzil, mas de cano mais curto.

O Comblains era uma marca de fuzil belga de tiro único por ação de bloco cadente capaz de disparar cartuchos metálicos através de seu cano estreito. Foi introduzido em 1873 no arsenal de infantaria do Império, sendo usado até o ano de 1897, quando, aos poucos, foi substituído pelas Mannlichers, um tipo de rifle muito utilizado pelo exército do Império Austro-húngaro e também adotado pelas forças armadas brasileiras.

A Kropatschek era uma espingarda desenvolvida pelas forças armadas portuguesas entre 1886 e 1904. Trata-se de uma arma de fogo portátil, de cano longo e coronha adequada para apoiar no ombro. No interior do Brasil, era uma das armas mais populares, utilizada especialmente por caçadores de aves e pequenos animais silvestres.

O revólver é uma arma de fogo semelhante à pistola, mas com cadência de tiros inferior. A pistola, arma de fogo, compacta, de calibres variados, portátil, foi projetada para ser manejada com apenas uma mão. Em termos de letalidade e de agilidade no seu manuseio é considerada superior ao revólver.

O trabuco, arma de cerco, tinha como finalidade atirar projéteis por cima de muros ou alvenarias, podendo lançar até 140 quilos de projéteis a altas velocidades e atingir o alvo a até meia milha de distância.

A garrucha, uma arma de fogo de cano curto e de um tiro por cano, semelhante à pistola e à espingarda, era produzida na Bélgica e Espanha no final do século XIX. Era considerada uma arma de qualidade inferior e mais barata do que o revólver, por isso, era comercializada em países subdesenvolvidos.

A metralhadora, arma de fogo automática, pode disparar centenas de tiros sucessivos em frações de minutos. É alimentada por cinto de munição contendo vários cartuchos. Em termos de tecnologia bélica, é uma das mais importantes dada a facilidade do seu manuseio, transporte e poder destrutivo.

Segundo narrado por José Aras, as armas do Exército chegavam a Canudos como máquinas destrutivas de vidas campesinas, quando os conselheiristas “ao chegarem ali naquele casarão de vasto alpendre, rodeado de currais de madeira, rezaram, agradecendo a Jesus a acolhida, quando, de repente, surgiram os soldados disparando suas armas contra a multidão indefesa” (2009, p. 55). É possível perceber em *Sangue de Irmãos* esse poder destruidor, pois “as metralhadoras varreram a caatinga” (Aras, 2009, p. 175), demonstrando que os soldados abatiam facilmente o beato e os combatentes de Canudos.

Uma das características do embate de Canudos foi o uso de armas brancas no enfrentamento entre sertanejos e militares, aqueles por não possuírem armas de fogo precisarem converter suas ferramentas em armas, e esses que além de possuírem armas de fogo também possuíam armas brancas específicas para a luta corpo a corpo (alfange, baioneta, cacete, chuço, espada, faca, facão, ferrão, foice, machado, pá, parnaíba, picareta, sabre, trado).

Por exemplo, o alfange é artefato cortante de lâmina curta e larga, com o fio no lado convexo da curva. “Espécie de foice, semelhante a uma guilhotina, que cortava o pescoço, separando a cabeça do corpo. O referido instrumento tinha o formato de asa de gavião, era bem afiado e tinha o nome de alfange” (Aras, 2009, p. 183). A arma branca representada é um exemplo do poder letal das armas usadas pelo Exército Brasileiro, reforçando mais uma vez o quanto o combate no sertão foi injusto. Como

declara José Aras (2009, p. 183), o alfange é uma “espécie de foice” que “cortava o pescoço, separando a cabeça do corpo”, usado nos embates, mas também no momento da degola dos que ousavam não ceder aos republicanos.

Passamos agora a tratar do microcampo das ferramentas de trabalho convertidas em armas pelos sertanejos. Enquanto os militares arregimentaram os melhores soldados para o seu exército, se equiparam com uma gama variada de artefatos bélicos para compor seu arsenal e montaram acampamento visando combater os seus supostos inimigos perigosos, os sertanejos, pessoas simples e movidos pela fé e esperança em obter o mínimo para viver no clima hostil da caatinga, foram compelidos a ressignificar seus instrumentos de trabalho, convertendo o machado, a foice, o facão, a faca, a picareta, a pá, a alavanca, o alfange, o chuço, o macaco, o malho, o trado em armas para defender a sua vida e a de seus familiares. Tais ferramentas de trabalho desempenharam papel relevante durante o conflito em Canudos, seja como instrumentos de trabalho, no labor diário, seja no uso como arma branca no enfrentamento ou defensiva dos ataques do Exército Brasileiro.

A foice é uma ferramenta de uso agrícola em formato de lâmina curva, afiada em uma das extremidades, presa a um cabo longo, utilizada para cortar ou ceifar plantas, como grama, cereais ou vegetação alta. O facão é uma ferramenta ou utensílio de cabo curto e lâmina cortante semelhante à faca, porém, maior do que esta e, normalmente, utilizado nas atividades agrícolas para cortar galhos de pequenas árvores e arbustos. Contudo, no contexto da guerra, “[...] os conselheiristas empunhando foices, facões, machados, se jogavam sobre seus adversários, caindo aos montes, varados de balas [...]” (Aras, 2009, p. 101).

A faca é um instrumento cortante, de lâmina curta, feito de aço, ferro ou madeira, composto de cabo e lâmina, reta ou curva, com apenas um gume, podendo ser de uso doméstico para cortes durante o preparo dos alimentos ou como arma branca. “Em seguida, saíram à procura de sua família, matando todos os filhos, genros e noras, à foice e à faca” (Aras, 2009, p. 103). No contexto descrito, é mencionada como

arma em um cenário de violência, evidenciando a dualidade dos utensílios na vida dos sertanejos, que podem tanto ser utilizados para o labor quanto convertidos em arma branca para a defesa pessoal.

O machado é uma ferramenta de corte, constituída de uma cunha de ferro cortante em um dos lados e um buraco no outro, no qual se encaixa um cabo de madeira. É um instrumento usado para rachar madeira e troncos de árvores.

É importante compreender os nuances culturais e sociais por trás das armas e ferramentas utilizadas em Canudos. Quando se promove o confronto entre as armas do exército e as ferramentas dos sertanejos, é possível refletir sobre a realidade e as necessidades da população canudense, pois estes valiam-se das ferramentas que possuíam e até das que conseguiam confiscar dos soldados, para lutarem por seus ideais em defesa de sua comunidade e do seu líder, Antônio Conselheiro. Segundo Aras, em uma das passagens de *Sangue de Irmãos*, em um confronto entre Exército e sertanejos, “os conselheiristas empunhando foices, facões, machados, se jogavam sobre seus adversários [...]” (Aras, 2009, p. 101).

É interessante observar que, apesar da diversidade de armas de fogo adotadas pelos militares e do expressivo número de combatentes, os sertanejos, ao longo dos embates, utilizando-se de seu profundo conhecimento sobre o bioma da caatinga, lançaram mão de emboscadas nas trincheiras conselheiristas como estratégia para abater os soldados e confiscar suas armas. Essa escolha estratégica revela não apenas a resistência do sertanejo, mas, sobretudo, seu engajamento nas situações de conflito. A presença desse tipo de armamento entre os sertanejos acrescenta camadas de complexidade à trama, delineando as nuances das interações bélicas na obra *Sangue de Irmãos*, tendo em vista que, inicialmente, “o povo da Companhia não dispunha de armas, a não ser espingardas de caça, algumas conseguidas da polícia, em Maceté e instrumentos de trabalho” (Aras, 2009, p. 86).

5. Considerações finais

A representatividade da cultura sertaneja e como ela se manifesta nas armas e ferramentas utilizadas durante o conflito dão pistas para as respostas de muitos questionamentos do que levou a guerra contra Canudos ter durado aproximadamente um ano, só sendo vencida após três expedições das forças armadas, só sendo destruída na quarta expedição, quando o Exército conclui o massacre dos sertanejos de Canudos. Não foram as armas, nem a força física do sertanejo, mas as características climáticas, o bioma caatinga, além da adversidade que os soldados enfrentavam até chegarem a Canudos que dificultaram que o Governo conseguisse aniquilar os seguidores de Antônio Mendes Maciel.

O processo de conversão de ferramentas de trabalho em armas brancas revela a inventividade dos sertanejos diante de condições adversas e desafiadoras. A utilização de ferramentas do cotidiano como instrumentos de defesa e ataque ressalta a adaptabilidade e a criatividade desses personagens em meio aos contextos bélicos.

Acreditamos que, analisando lexiculturalmente o campo lexical dos artefatos bélicos, especialmente as armas de fogo e as ferramentas de trabalho convertidas em armas brancas, possamos ter demonstrado quão instigante é o estudo do léxico a partir de um texto literário. Ao mergulhar na função prática das armas e das ferramentas dos sertanejos, percebemos a sua importância cultural, social e histórica, revelando-nos aspectos da identidade e da vida cotidiana da comunidade sertaneja descrita por José Aras.

O que foi apresentado é apenas um recorte do espelho da identidade cultural e social da região, contribuindo para a preservação e a construção da história, cultura e memória. Este estudo representa o primeiro passo em direção a uma investigação mais abrangente do léxico sertanejo e sua importância na tessitura da identidade regional do território de identidade no qual Canudos encontra-se inserido.

Referências

- ARAGÃO, M. S. A fraseologia como marca do léxico regional popular. In: COSTA, Daniela de S.S.; BENÇAL, Dayme Rosane. (Orgs.) **Nos caminhos do léxico**. Campo Grande, MS:Ed. UFMS, 2016, p. 33-49.
- ARAS, J. [1953]. **Sangue de Irmãos**: Canudos por dentro. ARAS, Roque; MACEDO, Adalgisa Nady Aras (Org.). 2. ed. Revisada. Feira de Santana: EMGRAF, 2009.
- ARMAS BRASIL. **Glossário de armas do Brasil**. Disponível em: <http://www.armasbrasil.com/Pagdiversas/glossario.htm>. Acesso em: 10 ago. 2023.
- BARBOSA, L. M. de A. O conceito de lexicultura e suas implicações para o ensino-aprendizagem de português língua estrangeira. **Revista Filologia e Linguística Portuguesa**. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2009. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v0i10-11p31-41>. Acesso em: 22 dez. 2025.
- BIDERMAN, M. T. C. **Teoria Lingüística**: Lingüística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981, p. 131-145.
- BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. **As ciências do léxico**: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. 2 ed. Campo Grande (MS): Ed. UFMS, 2001b [1998], 11-20.
- COSERIU, E. **Lições de lingüística geral** / Eugenio Coseriu; tradução do Prof. Evanildo Bechara. - Rio de Janeiro : Ao Livro Técnico, 1980. (Coleção Lingüística c filologia).
- COSERIU, E. **O homem e sua linguagem**. Madrid: Gredos, 1977. 252 p.
- FERREIRA, M. da C. P. **Introdução à Linguística**: Uma visão funcional da linguagem. 1. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2017. 312 p.
- FONTES, A. G. da S. **Canudos, um mar de histórias no sertão**: Análise do léxico sertanejo em "Sangue de irmãos - Canudos por dentro", de José Aras. Dissertação (Mestrado Acadêmico) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens - PPGEL, Campus I. 2024. 152 p.
- GALISSON, R. **Le dictionnaire de langue et le culturel: actes du Collo que International de lexicographie pédagogique**. Paris: Didier Eruditioin, 1988.
- ISQUERDO, A. N. Vocabulário do seringueiro: campo léxico da seringa. In: ISQUERDO, A. N.; OLIVEIRA, A. M. P. de (Org.). **As Ciências do Léxico**: Lexicologia,

Lexicografia e Terminologia. 2ºed. Campo Grande – MS: Editora da UFMS, 2001. v. 01, p. 91-100.

NEIVA, I. A. fauna no vocabulário dialetal baiano: uma perspectiva lexicográfico-variacional e lexicultural. *In: NEIVA, I. A. Lexikón: léxicos, línguas e culturas / Angelo de Souza Sampaio, Geysa Andrade da Silva, Org. - Salvador: EDUFBA, 2023.* 283 p.

OLIVEIRA, A. M. P. P. de. Regionalismos brasileiros: a questão da distribuição geográfica. *In: ISQUERDO, A. N.; OLIVEIRA, A. M. P. P. de. (Org.). As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. 2ºed.* Campo Grande: EdUFMS, 2001. P. 9-11

QUEIROZ, R. C. R.; BARRETO, J. R. O.; SILVA, D. Q. S. S. Outros olhares sobre documentos manuscritos baianos: (des)encontros lexicais. *In: MADUREIRA, A. L. G.; ABBADE, C. M. de S.; SOBRAL, G. N. T. (Org.). Estudos de linguagem: léxico e discurso. 1ed.* Curitiba: Appris, 2019, v. 1, p. 179-196.

TEIXEIRA, M. da C. Reis. Enveredando pela seara da flora e da fauna: um estudo lexicológico em Seara vermelha de Jorge Amado. *In: MADUREIRA, A. L.; ABBADE, C. M. de S.; SOBRAL, G. N. T. (Org.). Estudo de linguagem: léxico e discurso. 1ed.* Curitiba: Appris, 2019, v. 1, p. 121-144.

VILLALVA, A. **Introdução ao estudo do léxico:** descrição e análise do Português / Alina Villalva, João Paulo Silvestre. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

VILELA, M. **Estudos de lexicologia do português.** Coimbra: Almedina, 1995.

Artigo recebido em: 30.08.2024

Artigo aprovado em: 06.12.2025